

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA

A extinção do termo “leigo”

Rev. Carlos Eduardo B. Calvani

O termo “leigo” é um dos mais infelizes que usamos em nosso vocabulário religioso. Este pequeno artigo pretende ser apenas uma provocação a que incluamos na pauta de nossas discussões futuras (inclusive para posteriores revisões nos cânones) a extinção do termo “leigo” e tudo que a ele se relaciona, inclusive a expressão “ministério leigo” e “câmara dos clérigos e leigos”.

Apesar de estarmos sempre falando em valorizar o “ministério leigo”, nem sempre conseguimos evitar a antiga distinção entre uma classe clerical e uma classe leiga. Embora a Igreja toda seja “laós” (povo) de Deus e 99,9% dos membros da Igreja não serem ministros ordenados, sempre que falamos em “entrar para o ministério” ou “consagrar-se à Igreja”, estamos nos referindo às pessoas que postulam as sagradas ordens. Em consequência disso, o ministério ordenado é entendido por alguns como um “status” especial. O/A Rev.(a) é a pessoa sempre lembrada para fazer uma oração na festa de aniversário ou no almoço paroquial, como se sua oração tivesse maior efeito que a dos “leigos”. Em torno do/a reverendo/a gira a vida paroquial. Essa é uma carga pesada demais que se lança sobre o ministério ordenado, além de ser prejudicial porque ao mesmo tempo em que sobrecarrega os/as ministros/as ordenados/as, desestimula e parece desobrigar os/as “leigo/as” de seu indispensável ministério.

Na verdade, “leigo”, no vocabulário popular ficou associado a alguém que não tem acesso aos saberes próprios de uma profissão ou ofício. É o que afirmamos quando dizemos: “fulano é leigo em medicina” (ou seja, não entende nada daquele ofício, e portanto, seria melhor que não desse palpite). Muitas pessoas na Igreja assimilam essa realidade quando constantemente falamos que são “leigos/as” e não é incomum observar que em muitas reuniões paroquiais, quando são chamadas a expressar sua opinião, algumas pessoas respondem: “prefiro não opinar; sou leigo no assunto”.

A origem da palavra “leigo”

Fomos acostumados a pensar que a palavra “leigo” deriva do grego “laós”. Porém, ela deriva na verdade de uma expressão que não se encontra no Novo Testamento - “laixós” - que, para os gregos significava a massa não instruída. “Laixós” vai ser usada pela primeira vez em 1 Clemente (40.6), designando os fiéis que não eram sacerdotes. A partir do século III, a expressão consolidou-se no vocabulário eclesial. Principalmente após Constantino, os ministros ordenados

passaram a atuar como uma classe especial que detém o poder de produzir os bens religiosos que serão apenas consumidos pelos “leigos”. Leigos eram os que não tinham acesso aos privilégios que os ministros ordenados (“clero”) tinham: educação, cultivo nas letras e artes, (especialmente o latim) imunidade, vestes especiais, e principalmente, poder na Igreja. Os que não eram ministros ordenados eram os *illiterati* (iletrados), *saeculares* (as pessoas “do século”) ou, simplesmente, “populares”, as pessoas do povo, sobre quem o poder era exercido. Boa parte dos conflitos na Igreja durante a Idade Média e Reforma têm sua origem nessa distinção que tende a afastar e excluir das iniciativas eclesiais e das instâncias decisórias, aqueles/as que não são ministros/as ordenados. Hans Kung chega até mesmo a lembrar a infeliz frase do Papa Bonifácio VIII: “a antigüidade mostra à sociedade que os leigos são hostis aos clérigos (*clericis laicos infestos oppido traedit antiquitas*)” (A Igreja, Ed. Herder, pg. 188)

Some-se a isso ainda, o fato de que a palavra “clero”, significa, literalmente “herdeiro”, em grego. Ao associar essa palavra apenas ao ministério ordenado, parece que privamos aqueles/as que não receberam as ordens ministeriais da herança do povo de Deus

Ministério Ordenado e Ministério não-ordenado

No decorrer da história, na divisão eclesiástica dos ministérios, “leigo” acabou sendo aquele que não é considerado portador da eclesialidade porque não está autorizado a produzir e manipular os bens simbólicos. Ficou sendo mais um beneficiário daquilo que o corpo de funcionários produz e um executor das decisões daqueles. No máximo passaram a ser vistos como ajudantes do clero, a fim de que este possa cumprir sua missão. Mas eis aí um grande problema derivado da má compreensão da Teologia do Batismo e da própria Teologia do Ministério: os “leigos” não são ajudantes do clero, a fim de que este possa cumprir a sua missão; o clero é que deve ajudar todos os membros da Igreja a fim de que possam cumprir sua missão no mundo. O ministério ordenado coopera em funções próprias, ajudando a nutrir a fé, celebrando os sacramentos, ensinando, edificando, aconselhando, orientando. Ou seja, o ministério ordenado é que deve dar o suporte ao povo. Hoje nós invertemos a situação. Pensamos que os “leigos” é que devem dar suporte ao clero, para que nada falte ao Reverendo/a no exercício de sua função. Em conseqüência disso, a missão, evangelização e acompanhamento pastoral foi compreendida como uma função clerical apenas. Mas é de todo o povo.

A declaração que o nosso LOC traz para a recepção da pessoa que é batizada, diz: “*Deus hoje te recebeu em sua Igreja pelo Batismo; nós te acolhemos alegremente na família do Senhor; como membro do Corpo de Cristo, como filho do mesmo Pai Celestial, como cidadão conosco do Reino de Deus. Confessa conosco a fé no Cristo Crucificado, proclama a sua Ressurreição e compartilha conosco do seu Eterno Sacerdócio*”. O sacerdócio é universal. De todo povo de Deus, de todo laós. E mesmo os/as ministros ordenados são também “laós”. Essa realidade foi bem expressa por Santo Agostinho quando afirmou: “*Quando me aterroriza o que sou para vós, consola-me o que sou convosco. Pois para vós sou bispo, convosco sou cristão. Aquele é o título de uma*

função recebida; este é título de graça; aquele é de perigo; este é de salvação". Ou seja, a dignidade maior está em ser cristão, membro do laos de Deus, ministro/a da Nova Aliança e não em ser bispo/a, presbítero/a ou diácono/a.

Talvez possamos começar a discutir a progressiva extinção do termo "leigo", substituindo-o por uma expressão que devolva a todos nós uma visão mais bíblica do ministério de todos os/as cristãs/ãos: ministro não-ordenado, em contraste com o/a ministro-ordenado. A partir daí poderemos falar em Ministério ordenado (daqueles/as que são chamados/as dentre o laós para desempenhar funções específicas em prol do laós e do mundo) e em Ministério não-ordenado, este sim, a base do sacerdócio universal de todos/as os que crêem.